



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

SONDANDO VESTÍGIOS: BIJAGÓS E FULAS ATRAVÉS DO BOLETIM CULTURAL DA GUINÉ PORTUGUESA (1946-1973)

Fátima Cristina Leister
Mestranda em História Social da PUC-SP
cristinaleister@hotmail.com

No Brasil, mesmo com a conquista do Movimento Negro Unificado (MNU), em termos da Lei 11.645/2008¹, o que se verifica é o pequeno número de obras publicadas e o exíguo espaço concedido às questões africanas no mercado editorial. Isto é fácil de constatar, basta ir a qualquer livraria e observar os títulos existentes nas prateleiras e os lançamentos em destaque. Talvez seja um reflexo da formação teórica de nosso sistema educacional, o qual, ao longo dos anos e sob a hegemonia europeia e norte-americana, tem se pautado em historiografias lineares e evolutivas².

A necessidade de uma lei específica, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena, em instituições públicas e particulares, em caráter transversal, em todos os níveis de ensino no Brasil, é a evidência formal de que os conteúdos das disciplinas, a começar pela história, precisam ser revistos. Muito pouco se sabe sobre a África, em geral, e sobre seus 54 países independentes, 4 províncias e mais 10 territórios estrangeiros. Sobre a Guiné-Bissau, foco do presente trabalho, as informações são obtidas, em grande maioria, por meio da internet, embora existam (raras) publicações, no Brasil, como, por exemplo, o *Desafio do Escombromação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*, de Moema Parente Augel (2007) ou *Por entre as Dórcades Encantadas: Os Bijagó da Guiné-Bissau*, de Dilma de Melo Silva (2000).

É possível, então, concluir que a Guiné, enquanto Colônia, Província ou Estado independente, não despertou a atenção de historiadores brasileiros. Talvez isso decorra de questões conjunturais que inferiorizaram sua relação com o mundo ou, talvez, por

¹ A lei 11.645 de 10/3/2008 altera o art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20/12/1996, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Referido artigo passou a vigorar com a seguinte redação: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”.

² Sobre o ensino de história da África no Brasil ver OLIVA, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África: Diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino da história da África no Mundo Atlântico (1990-2005)*. 2007, 404p. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.



sua contínua instabilidade político-institucional, dificultando pesquisas de campo na região. A pouca visibilidade estratégica que sempre a acompanhou, desde o início de sua ocupação pelos portugueses, persiste de modo a não atrair dinâmicas de pesquisas acadêmicas.

No entanto, por meio da internet, está disponível a página do *Projeto Memória de África e Oriente* coordenado pela Fundação Portugal-África³. Esse projeto, iniciado em 1997, vem recolhendo, tratando e disponibilizando, no formato digital, grande quantidade de registros (periódicos, fotografias, documentos oficiais, livros didáticos, etc.), dispersos entre os centros de documentação dos países lusófonos. Dentre eles se destaca o *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, revista acadêmica que foi publicada na Guiné nas últimas décadas do período colonial. Com grande variedade de artigos e temas, a publicação permite aproximações com diversas áreas do conhecimento. Os artigos etnográficos (descrições de costumes, crenças, rituais, festas, etc.) ali publicados, sob o rigor de análises criteriosas, transformam-se num caminho para sondagens em torno de sociedades pouco conhecidas, mesmo considerando a concepção eurocêntrica sob a qual foram elaborados.

O *Boletim Cultural*, instrumento de divulgação do Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, surgiu quando a comunidade internacional procurava refazer-se dos danos do pós-guerra e Portugal, sob a ditadura de Salazar, agarrava-se às suas possessões ultramarinas numa postura anacrônica, porém salvadora. Na colônia da Guiné, o capitão-tenente Manuel Maria Sarmiento Rodrigues⁴ e seu ajudante de ordem Avelino Teixeira da Mota⁵ assumiram o governo e conceberam uma instituição promotora de

³ A *Fundação Portugal-África* é uma organização não governamental de desenvolvimento, criada em 1995, na cidade do Porto. Tem por finalidade “contribuir para a realização e incremento de acções de carácter cultural e educacional a desenvolver em Portugal e em África, designadamente junto dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, visando à valorização e continuidade dos laços históricos e de civilização mantidos entre Portugal e os países africanos, numa perspectiva de progresso e de projecção para o futuro”. Cf. <http://www.fportugalafrica.pt/>

⁴ Manuel Maria Sarmiento Rodrigues (1899-1979), português de Freixo de Espada à Cinta, governou a colônia da Guiné Portuguesa entre 1945 e 1948. Integrou o governo de António Salazar como Ministro das Colônias entre 1950 e 1961 (designação alterada em 1951 para Ministro do Ultramar) e como Governador Geral de Moçambique (1961-1964). Galgou cargos na Marinha chegando ao posto de Almirante. Faleceu em Lisboa em 1979 deixando várias publicações sobre a vida política do império português.

⁵ Nascido em 22/9/1920, em Lisboa, Avelino Teixeira da Mota teve longa carreira militar. Entre outros títulos, foi acadêmico da Academia Portuguesa de História (1962), lecionou na Faculdade de Letras da



estudos etnográficos de qualidade, os quais passaram a revelar, entre outras informações inéditas, o funcionamento de estruturas de comunidades étnicas praticamente desconhecidas. Constituíram, acima de tudo, uma base do “conhecimento científico” sobre a Guiné sem precedentes em todo o império ultramarino.

Enquanto na Europa as nações se reorganizavam, após o final da 2ª Guerra Mundial, e as pressões contra o colonialismo colocavam em xeque os impérios existentes, Portugal buscou manter seus domínios inalterados, pois, perante sua fraqueza econômica, era inconcebível a perda dos alicerces que sustentavam o império. Investimentos e ações foram engendrados por todo o Ultramar e, no ano de 1945, enquanto Amílcar Cabral⁶ chegava a Lisboa, para desfrutar da bolsa de estudos conseguida junto ao Instituto Superior de Agronomia, desembarcava, em Bissau, um novo governador e seu ajudante, ambos munidos de ordens e ideias.

Em 21 de julho de 1945, Sarmento Rodrigues, amparado pelo artigo nº 31 do *Acto Colonial* e pelo artigo nº 37 da *Carta Orgânica do Império Colonial Português*, criou o *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa* (BCGP). O ato de criação foi transcrito na primeira edição que circulou em 1946 e definiu, entre outras diretrizes, que aquela publicação destinava-se a divulgar “cultura e informação”. Sarmento Rodrigues escreveu: “é tempo de a Guiné ser mais alguma coisa do que um campo fértil de produtos materiais” e ponderou, em seguida, sobre a necessidade de seus habitantes buscarem a “elevação do nível cultural daquela colônia” (BCGP n.1, 1946, p.7). Tais assertivas demonstram que a “cultura” da colônia era pensada como inferior à da metrópole e a esta cabia a missão “civilizatória” de aproximar dois mundos diferentes, distantes e pouco conhecidos entre si. Tal como a intelectualidade metropolitana,

Universidade de Lisboa (1965-1969) como regente da cadeira de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa. Presidiu o Tribunal da Marinha e deixou inúmeras obras, em especial sobre cartografia antiga e sobre a expansão marítima portuguesa. Morreu em abril de 1982. Como auxiliar direto do governador Sarmento Rodrigues, foi o grande impulsionador da pesquisa etnográfica no território da Guiné.

⁶ Amílcar Lopes Cabral (1924-1973) nasceu em Bafatá, na Guiné e aos 8 anos, sua família mudou-se para a ilha de Santiago em Cabo Verde. Ali estudou até completar a escolarização primária e em 1937 cursou o Liceu Gil Eanes em São Vicente onde concluiu seus estudos em 1944 com distinção. Em 1945 mudou-se para Lisboa a fim de cursar Engenharia Agrônoma, no Instituto Superior de Agronomia. Nessa época, frequentou a Casa dos Estudantes do Império Português, onde teve contato com intelectuais africanos das outras colônias portuguesas e, juntamente com eles, constituiu as bases dos movimentos independentistas que se seguiram.



Sarmiento Rodrigues considerava inexistir cultura na Guiné, pois esta era entendida, naquele momento, como “um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético” (WILLIAMS, 2007, p.121), desconsiderando e desqualificando, portanto, tudo o que fosse alheio à cultura europeia.

Para dar vida e traçar os rumos da nova publicação, Sarmiento Rodrigues e Teixeira da Mota, criaram o Centro de Estudos da Guiné Portuguesa (CEGP), instituição que objetivava dar “à cultura do espírito incremento paralelo ao progresso material” (BCGP n.1, 1946, p.8). Idealizado em dezembro de 1945, o Centro de Estudos foi oficialmente organizado em julho de 1946, quando o governador nomeou sua primeira comissão executiva presidida por Caetano Filomeno de Sá⁷. Como membros honorários e articulistas da primeira edição do Boletim Cultural foram aclamados o Ministro Marcello Caetano e o Governador Sarmiento Rodrigues.

A iniciativa de Sarmiento Rodrigues não teve aprovação unânime na colônia, pois, conforme suas próprias palavras, o Centro de Estudos desprendia-se de interesses econômicos que predominavam na Guiné daquela época. Para ele, antes de tudo, era imprescindível conhecer a cultura dos povos colonizados para amalgamar os alicerces da colonização, razão pela qual procurava motivar os funcionários administrativos da seguinte forma:

É ao superior interesse que espero lhes mereça o estudo do que diga respeito aos valores indígenas, das suas artes primitivas, das suas línguas, costumes e tradições, de tudo que possa registrar uma existência, uma personalidade que o tempo fatalmente destruirá[...] É preciso que a nossa vinda e permanência seja, como é, superiormente acolhedora do presente e do passado, dos vencedores e dos vencidos (BCGP n.5, 1946, p.268).

O discurso do governador Sarmiento Rodrigues demonstra a convicção de que a cultura portuguesa, a partir da mudança política, jurídica e administrativa, adotada para as colônias a partir da década de 1930, sobreporia às culturas locais. Tal certeza, possivelmente, estaria baseada no conjunto da legislação adotada especificamente para as colônias, o qual pretendia, por meio das leis, dominar o que não fora totalmente possível por intermédio das armas. Além disso, revela que na Guiné da década de 1940 as ações estavam concentradas para torná-la uma colônia rentável, favorecendo, assim,

⁷ Caetano Filomeno de Sá foi chefe da Delegação Aduaneira onde exerceu, de 1916 e 1919, a função de censor - postal e telegráfico - das correspondências enviadas da Província da Guiné.



investimentos locais e, conseqüentemente, contabilizando ativamente no conjunto do império ultramarino.

Os estudos de caráter histórico, etnográfico e antropológico efetuados no âmbito do CEGP “ganharam mais sistematicidade e qualidade” apesar de “realizados no território mais ‘marginal’ do império”. É possível relativizar a imbricação entre a produção antropológica e os instrumentos de domínio colonial na Guiné ao considerar que: “grande parte das estruturas nativas foi mantida, a exploração se fazia de forma indireta, nunca houve uma afluência significativa de colonos brancos e, de fato, trata-se de um dos territórios menos interessantes do ponto de vista da moderna empresa colonial capitalista” (THOMAZ, 2001, p.64). Nessa medida, passou a existir naquele território uma instituição promotora de estudos etnográficos de qualidade, os quais passaram a revelar, entre outras informações inéditas, o funcionamento de estruturas próprias de comunidades étnicas praticamente desconhecidas. Constituíram, acima de tudo, uma base do “conhecimento científico” sobre a Guiné sem precedentes em todo o império ultramarino.

O Centro de Estudos contava com membros residentes (moradores na Colônia) e membros correspondentes (moradores de outras colônias portuguesas, na metrópole ou no exterior), todos, necessariamente, eram colaboradores do Boletim Cultural ou prestadores de serviços ao Centro de Estudos. Todos eram funcionários do Estado e obrigatoriamente nomeados por meio de ato formal, assim como as comissões executivas compostas por um presidente, alguns vogais, escolhidos entre os membros residentes, e um secretário. A Comissão Executiva tinha, entre outras, a função de compor a Comissão de Redação do Boletim Cultural, dirigir sua publicação, avaliar os trabalhos apresentados e submeter, previamente, cada número à apreciação do Governador da Colônia. Em tempos de salazarismo e da PIDE, a cultura e a informação eram promovidas sob o olhar atento do poder.

Coube ao Centro de Estudos, em 1947, a organização da 2ª Conferência Internacional de Africanistas Ocidentais (CIAO)⁸. No conjunto de movimentos que ocorriam por todas as colônias africanas, os africanistas ocidentais apontavam

⁸ A 1ª Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais aconteceu em janeiro de 1945, na cidade de Dakar, por iniciativa do Institute Français de l’Afrique Noire (IFAN) Aconteceram outros encontros



A transformação cada vez mais rápida das condições sociais e econômicas entre as numerosas populações interessadas exige um programa imediato de pesquisas, quer para recolher os dados científicos que desaparecem rapidamente, quer para assegurar a ciência, a contribuição maior que ela deve trazer para a solução dos problemas sociais oeste-africanos.

Nessa conferência, que aconteceu entre 8 e 14 de fevereiro, na cidade de Bissau, foram estreitados laços com alguns centros de estudos, tais como o *International African Institute*, da Grã-Bretanha e, especialmente, com o *Institute Français de l'Afrique Noire* (IFAN)⁹, com sede em Dakar.

A relação existente entre o CEGP e o IFAN era bastante intensa, contrariamente ao que se verificava entre aquele centro e a intelectualidade metropolitana. Sobre essa indiferença, o governador Sarmiento Rodrigues (BCGP n.10, 1948, p.526) contemporizou:

As nossas relações culturais têm-se intensificado sobretudo com os territórios vizinhos, no meio dos quais já hoje não somos mancha escura como outrora...É claro que apesar de nunca termos merecido a devida consideração dos organismos metropolitanos encarregados deste domínio das ciências coloniais - pois até hoje ainda não foi enviada nenhuma das colaborações prometidas - nem por isso deixaremos de tentar estabelecer contactos como eles, sempre agradáveis e sem dúvida úteis em ensinamentos.

Sobre o mesmo assunto, Teixeira da Mota enfatiza a aproximação da Guiné com os intelectuais do IFAN, como Theodore Monod e o historiador Raymond Mauny, a qual contrasta com o distanciamento dos organismos científicos portugueses. Lembrando que na metrópole os estudos antropológicos, capitaneados por Mendes Moreira, ainda estavam pautados nos aspectos somáticos e físicos, é possível compreender a oposição de ideias, principalmente quando Teixeira da Mota (BCGP n.32, 1953, p.643-4) aponta que

Logo de início o “Centro de Estudos” procurou reagir contra a tendência, que se nos afigurava demasiado centralizadora e antiquada, da investigação científica ultramarina em Portugal, a qual se manifestava, sobretudo, através de missões temporárias aos territórios. Sem negar as vantagens que algumas dessas missões ofereciam, sobretudo quando movimentam recursos e meios

em Ibadan (Nigéria) em 1949 e Fernando Pó, em 1951, por exemplo, e a todos foram enviados representantes do Centro de Estudos, os quais apresentaram comunicações também publicadas no Boletim Cultural.

⁹ O IFAN foi criado em 1938 e publicou, de 1947 a 1956, a revista *Études Guinéennes* (sucendida pela *Recherches Africaines*). Através dela foram divulgados os resultados de pesquisas sobre ciência física, etnologia, economia e cultura da África ocidental francesa. Patrocinada pelo governo da Guiné Francesa, foi dirigida por Georges Balandier e Theodore Monod, entre outros. Em 1949, Avelino Teixeira da Mota foi nomeado membro do Conselho Superior Científico do IFAN.



científicos e técnicos de que as províncias ultramarinas não dispõem, sempre apelamos para que, a par delas, se fomentasse o desenvolvimento de instituições locais de investigação.

O que Teixeira da Mota entendia como “científica” era a pesquisa direta, efetuada por investigadores que vivenciassem a experiência do cotidiano das comunidades locais. Segundo Carlos Manuel Valentim (2007, p.155),

é indiscutível que os contactos que (Teixeira da Mota) manteve com cientistas e investigadores europeus (entre outros Georges Balandier, Théodor Monod), que trabalhavam em África, lhe proporcionou uma actualização com as novas correntes científicas. Aos poucos foi-se distanciando da via “tradicionalista”. Tinha contactos, é bem verdade, com o investigador e professor António Mendes Corrêa, mas não seguia os seus métodos [...] Avelino Teixeira da Mota optará por seguir as teorias das “escolas” francesa e inglesa, e ler as obras de autores como Georges Balandier, que se apoiavam no Estruturalismo de Claude Levi-Strauss e na Antropologia funcionalista anglo-saxônica.

Não se pode falar dos anos iniciais do Centro de Estudos e do Boletim Cultural sem conceder destaque ao empenho e trabalho de Avelino Teixeira da Mota. Auxiliar direto do governador Sarmento Rodrigues, chegou à Guiné em 1945, como segundo-tenente, e, com espírito empreendedor e investigativo, desenvolveu um trabalho sem equivalência no império português. Teixeira da Mota (BCGP n.6, 1947, p.555-6) esclareceu:

O objectivo fundamental do “Boletim” será portanto o melhor conhecimento da colónia, a sua propaganda e a elevação do seu nível cultural. O “Boletim” actuará como um laço de união com a Metrópole e as outras colónias, por um lado, e com as colónias estrangeiras vizinhas, pelo outro. E isto porque não só os trabalhos a nele publicar terão a sua natural repercussão, mas também por muito haver a contar dos indivíduos de fora, dos estudos afins lá feitos e de muitos elementos a lá obter [...] (e centralizar) no “Boletim” a publicação de trabalhos sobre a Guiné, escritos por pessoas vivendo na colónia ou fora dela.

As matérias de interesse eram aquelas que abordavam aspectos de carácter histórico, no âmbito do domínio português na região da Senegâmbia, de cunho científico, no sentido do estudo sistemático da Colónia por meio da etnografia e no aspecto literário e artístico, notadamente na recolha da literatura oral. Em todas as edições do Boletim consta a seguinte mensagem:

a todas as pessoas - ou entidades - da Colónia, da Metrópole, do Império Colonial ou do Estrangeiro - que de qualquer modo estejam ligadas à Guiné Portuguesa e sobre ela possuam elementos inéditos, que enviem (à Comissão de Redacção) quaisquer trabalhos, informações, fotografias ou desenhos julgados de interesse e que possam ser publicados no Boletim



Os funcionários administrativos e os missionários, pessoas próximas aos “indígenas”, eram considerados, por Teixeira da Mota, os mais indicados para desenvolver estudos etnográficos. Amparava tal ideia nas obras de Maurice Delafosse¹⁰ e do padre guineense Marcelino Marques de Barros, estudioso do vocabulário e termos mandingas, beafadas, fulas, balantas e bijagós. Apesar dessa convicção, os primeiros artigos recebidos para publicação foram criticados por ele, pois os considerou muito genéricos. Por essa razão, aconselhou que fossem feitas observações localizadas, atentas às especificidades de cada região. Sugeriu, ainda, temas considerados de maior interesse, na verdade, praticamente desconhecidos pelos colonizadores portugueses, tais como a arte “indígena” - principalmente bijagó, mandinga e nalú -, a religião das “tribos feiticistas” e a recolha de tradições históricas – orais e escritas -, lendas, mitos, contos, fábulas e provérbios.

Segundo Teixeira da Mota, o estudo das línguas locais era muito importante porque entendia que “o mundo das palavras é uma base de primeira ordem para o conhecimento da vida psíquica e mesmo da social” (BCGP n. 1-4, 1946, p.184) das populações nativas. A partir dos contatos verbais e do conhecimento das formas de pensar dos autóctones seria, então, possível “penetrar na complexidade da vida dos indígenas, discernir e aprofundar os seus modos e a sua maneira de ser” (BCGP n. 1-4, 1946, p.380). A partir dessas informações é que, então, seria possível elaborar formas de articular mecanismos de domínio e subjugação.

Mais do que apontar o pouco conhecimento que funcionários e colonos tinham sobre as populações da Guiné, as orientações de Teixeira da Mota traduziam interesses políticos, especialmente naquele momento do pós-guerra quando, na contramão dos movimentos pela descolonização, Portugal lutava por manter um império cada vez mais anacrônico.

Reforçando as iniciativas de Sarmiento Rodrigues e Teixeira da Mota, o Ministro das Colônias Marcello Caetano abriu a primeira edição do Boletim com uma mensagem onde sobressaem significativas informações. Deixando claro que poucos sabiam ou

¹⁰ Maurice Delafosse (1870-1926), funcionário administrativo e etnógrafo francês deixou extensa obra sobre a África Ocidental francesa.



procuraram saber sobre a colônia da Guiné, admitindo, também, nunca ter havido qualquer iniciativa de trabalho prospectivo naquele espaço, escreveu:

Praticamente a Guiné era desconhecida: para o grande público português, mesmo para o seu escol de cientistas, políticos e homens de letras, continuava por descobrir! [...] Acaso se pode fazer séria política indígena antes de se saber o que a antropologia e a etnografia estão em condições de nos ensinar sobre os naturais da terra? [...] e esta Revista surge na hora própria, na hora oportuna para recolher novos estudos e divulgá-los, sobretudo para levar ao conhecimento do maior número de pessoas possível aquilo que os estudiosos forem apurando sobre esta nossa rica e promissora colônia. (BCGP n.1, 1946, p.11).

Ao Boletim foi dado certo direcionamento acadêmico, pois regras deveriam ser observadas para que os artigos fossem publicados, os quais deveriam ser, preferencialmente, fruto de observações diretas, tal como um “trabalho de campo”, recurso considerado essencial para evitar distorções e criatividade. As monografias apresentadas deveriam primar pela novidade ou originalidade, além de serem entregues datilografadas, acrescidas ou não de fotografias e desenhos e acompanhadas de bibliografia.

Segundo Fernando Simões da Cruz Ferreira (1950), presidente da 2ª Comissão Executiva do CEGP, a observância das regras e métodos impostos era essencial a fim de que a publicação não se desviasse de suas finalidades principais: do estímulo à atividade cultural na Colônia; do aperfeiçoamento constante dos trabalhos a fim de atingirem um nível superior; da promoção do conhecimento da Colônia e a concomitante divulgação de seus valores e acontecimentos; da constituição de um elo com a metrópole, com as outras colônias do império e com as colônias estrangeiras de modo a facilitar o intercâmbio entre os vários espaços africanos.

Introduzir um perfil acadêmico à nova publicação causou, porém, alguns problemas. Segundo Teixeira da Mota, chegaram ao Centro de Estudos trabalhos que não possuíam as características exigidas pela Comissão de Redação. Foram, portanto, recusados,

o que trouxe ao *Boletim* uma série de inimizades e aborrecimentos, que desde então nunca mais deixaram de o perseguir. Pretendia-se a todo custo fugir à literatura fácil, à história de frases retumbantes, ao pitoresco de mau gosto, a que o Português é tão propenso e que se revelam tão lamentavelmente em numerosas publicações nacionais. Mas, por outro lado, o *Boletim* de modo algum pretendia ser só de sábios e para sábios, pelo que estimulou ao máximo a colaboração de indivíduos de reduzida preparação científica mas

de conhecimentos notáveis sobre determinados assuntos por virtude de uma longa prática e permanência no território. Este acto veio a acarretar-nos a má vontade de vários cientistas. E assim começou a correr a vida do *Boletim*, sempre entre a hostilidade de escrevinhadores, de um lado, e a de alguns investigadores científicos, do outro. Tudo isto porque se procurou a objectividade, a honestidade de processos, a imparcialidade de juízos (BCGP n.32, 1953, p.614).

Nos dez anos iniciais de existência, o *Boletim Cultural* foi impresso em Lisboa, na Sociedade Industrial de Tipografia¹¹. De formato sóbrio e com cores diferentes, porém discretas, todas as suas capas e contracapas têm em comum o brasão¹² da Colônia da Guiné Portuguesa. Adotado a partir de 1935, sua composição traz informações significativas, das quais destacamos: a metrópole portuguesa é representada em branco, com cinco pequenos escudos azuis posicionados em cruz, cada um deles com cinco besantes de prata. A colônia da Guiné aparece em preto com um cetro em ouro finalizado pela cabeça de um negro, alusão a D.Afonso V, o *Africano*, rei de Portugal ao início da exploração do continente. Unindo as partes, ondas verdes simbolizam a ligação entre Portugal e a Guiné através do oceano e, mais do que isso, reforçam a distância, tanto física quanto cultural, existente entre a colônia e o território português. Em outras palavras, estão subentendidas dualidades, tais como branco/negro, colonizador/colonizado, civilizado/não civilizado, poder/submissão, marcadamente presentes no reforço constante da diferença.



A circulação do *Boletim Cultural* era feita de várias formas: todos os membros do Centro Cultural recebiam um exemplar, aos autores eram oferecidas 50 cópias de seus artigos, estava disponível o serviço de assinaturas mediante pagamento de frete e, por último, havia a possibilidade de permuta com organismos que manifestassem interesse. Foram permutados exemplares com todo o “mundo português”: Portugal, Madeira, Açores, Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé, Timor e Macau. Vários países também receberam exemplares como Alemanha, França, Holanda, Hungria, Inglaterra,

¹¹ Do nº 45 ao nº 59 as edições do *Boletim Cultural* foram impressas ora em Bolama (números do ano de 1956), ora da Imprensa Portuguesa da cidade do Porto, o que se manteve até os últimos números.

¹² O brasão de armas foi instituído a partir de 1935 para cada uma das colônias portuguesas. Todos seguem o mesmo padrão, exceto quanto à parte direita, que guarda particularidades de cada uma delas.



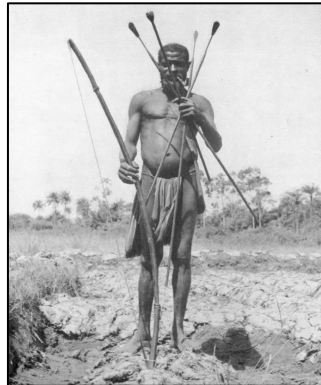
Itália, Polônia, Romênia, Rússia, China, Brasil, Colômbia, Estados Unidos, Uruguai, assim como diversos países no continente africano, a exemplo da Nigéria, Senegal, Gabão, entre outros.

Considerando que o índice de alfabetização em Portugal, em meados do século XX, girava em torno de 50% da população (MAGALHÃES, 1996), que a maioria guineense não lia o português e que Sarmiento Rodrigues lamentava o desinteresse e o menosprezo da intelectualidade metropolitana em relação ao *Boletim Cultural*. Para quem ele fora escrito? A par da quantidade de países europeus que receberam, graciosamente, um exemplar, é possível concluir que a publicação exerceu, entre outras, a missão política de demonstrar para a comunidade internacional, em especial para a Europa e os Estados Unidos, o comprometimento efetivo do governo português para com seu império ultramarino. Por outro lado, não há como negar a intenção acadêmica e científica esperada da publicação, a qual possibilita, nos dias atuais, manter contato com povos praticamente desconhecidos.

Numa primeira análise quantitativa contabiliza-se 24.208 páginas ao longo dos 28 anos de existência do *Boletim Cultural*. Com média de 225 páginas por edição, cada uma delas era organizada em seções permanentes: a *Crónica da Colónia* (*Crónica da Província* a partir de 1951) descreve eventos oficiais, discursos proferidos, visitas recebidas e efetuadas, enfim, fornece dimensões do cotidiano das instituições coloniais. Essa seção cumpriu, em grande medida, o papel da imprensa jornalística, bastante frágil e inconstante durante o período colonial; a seção *Etnográfica*, que a partir do nº 5 juntou-se à seção *Notas e Informações*, visava a dar notícias das atividades culturais da colônia e, principalmente, do Centro de Estudos; a seção *Econômica e Estatística* tratou de transações comerciais da colônia com a metrópole, demais colônias e outros países, bem como a contabilidade final das exportações e importações e em *Livros e Publicações* foram divulgados trabalhos publicados sobre a Guiné Portuguesa, bem como elaboradas críticas e resenhas.

Também integra a revista uma seção denominada *Aspectos e tipos da Guiné Portuguesa*, a qual passou a existir a partir do nº 61, em 1961. Dela constam 438 fotografias de pessoas das várias etnias da colônia, além de paisagens de diversas localidades. Na legenda das fotografias, os guineenses não são referenciados por seus

nomes, status ou atividades, sendo nominados por suas etnias e/ou gênero, numa atitude que remete à coisificação e classificação dos povos submetidos.¹³



**Figura 4 - Felupe com os
(BCGP n.71, 1963, p.177)**

seus instrumentos de caça

Nas primeiras aproximações com esse *corpus* documental percebe-se que havia tensões em torno do Centro de Estudos. O estímulo à colaboração dos membros residentes, de “reduzida preparação científica, mas de conhecimentos notáveis sobre determinados assuntos por virtude de uma longa prática e permanência no território”, para a produção de trabalhos etnográficos, acarretou a “má-vontade de vários cientistas”. Para Teixeira da Mota (BCGP n.32, 1953, p.614), o *Boletim Cultural* sofreu, sempre, com a “hostilidade de escrevinhadores, de um lado, e a de alguns investigadores científicos, do outro.”

Nem todos os membros do Centro de Estudos colaboraram com trabalhos, porém a maioria escreveu ou redigiu monografias que foram publicadas no *Boletim Cultural*. Os colaboradores eram, de alguma forma, funcionários do Estado e tinham formação diversificada: engenheiros, agrônomos, médicos, oficiais da marinha, sacerdotes católicos, muitos egressos da Escola Superior Colonial. As múltiplas ocupações e áreas de interesse permitiram a oferta de artigos sobre vários assuntos. Dos 467 artigos são abordados diferentes temas, tais como geografia física e humana, economia e administração, direito comum e particular das diversas etnias, demografia, filologia e linguística, botânica, agricultura e silvicultura, zoologia, parasitologia, medicina

¹³ Sobre as fotografias publicadas ao longo das edições do Boletim Cultural ver: CARVALHO, Clara. O saber e o olhar colonial: política e iconografia no Centro de Estudos da Guiné Portuguesa. *Soronda Revista de Estudos Guineenses*. Bissau, n.8 - Nova Série, 2004.



tropical, religiões, arte, matemática, engenharia civil (pavimentos e construções de moradias), antropologia e, principalmente, aqueles com abordagens históricas e etnográficas. Há que se destacar, dentre eles, o trabalho de Amílcar Cabral¹⁴, o qual oferece uma ideia sobre a agricultura “indígena” e oferece um panorama sobre modos diferenciados de viver e cultivar¹⁵. Segundo ele, “o tipo de exploração agrícola varia de povo para povo [...] a terra é um bem colectivo, sendo-o também os produtos das plantas espontâneas. A propriedade privada incide sobre os produtos obtidos pela agricultura praticada pelos elementos constitutivos da família” (BCGP n.43, 1956, p.11-12). Avelino Teixeira da Mota referia-se a Amílcar Cabral como um

agrônomo com preocupações sociais (que) escreveu sobre o recenseamento agrícola, mecanização - tema de grande oportunidade - e utilização da terra na África Negra [...] o primeiro agrônomo a chamar a atenção para a importância dos sistemas de agricultura indígenas, na mesma altura em que nós próprios, por outro caminho, essencialmente geográfico, também salientámos a necessidade de estudar a fundo tais sistemas para que se possa fazer progredir a agricultura guineense (BCGP n.40, 1955, p.649).

Dos trabalhos voltados à literatura há dois tipos específicos: os contos recolhidos da tradição oral e os “contos de ficção”. Os primeiros pretendiam traduzir para a forma escrita o que fora apreendido no contato direto com as diversas etnias. Nessa linha, merecem destaque os trabalhos de António Carreira junto aos Mandingas, João Eleutério Conduto e os contos Bijagós e A. Gomes Pereira e os contos Fula. Os “contos de ficção” surgiram, em grande medida, como resultado de prêmios de incentivo concedido pelo Centro Cultural e Fernando Rodrigues Barragão, Alexandre Barbosa e Francisco Valoura, juntamente com Fausto Duarte, são destaques desse tipo de produção literária.

A contribuição do Centro de Estudos da Guiné Portuguesa e seu Boletim Cultural são inegáveis e abre caminho para várias áreas de pesquisa. Apesar de deficiências teórico-metodológicas e da frágil formação acadêmica de seus colaboradores, coletaram

¹⁴ Como engenheiro agrônomo, Cabral colaborou com artigos para o *Boletim Cultural* na década de 1950, especialmente sobre as práticas agrícolas adotadas pelos povos locais. Foi um dos fundadores do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde – PAIGC, e soube aproveitar o conhecimento da região, obtido através dos trabalhos decorrentes do recenseamento agrícola de 1953, para articular a luta armada que desencadeou na guerra colonial pela independência.

¹⁵ Dos resultados obtidos pelo recenseamento agrícola, destaca-se o papel das etnias balanta, fula, mandinga e manjaca como aquelas que cultivam a maior área no território. Os produtos mais cultivados eram o arroz, a mancarra, o milho preto e o sorgo. (p.32-3)



informações e impressões, das quais, possivelmente, não se teria conhecimento por outros meios. Os caminhos traçado por Avelino Teixeira da Mota, apesar de lastreados pelos propósitos metropolitanos, oferecem oportunidades sem equivalência e, de acordo com suas próprias reflexões, estão

sujeitos a futuras rectificações e melhor esclarecimento. Cada trabalho ou estudo é sempre um novo passo, nunca a obra final [...]. Os trabalhos que cada um faz são apresentados não só para esclarecer os outros, mas para que estes os completem e corrijam quando para isso disponham de elementos [...] julgamos desenvolver a noção da responsabilidade por parte dos autores [...] Somos poucos e, em muitos ramos de conhecimento possuímos preparação deficiente [...] No que respeita à técnica de estudo tem sido nossa preocupação declarada o melhorá-la. Procuramos continuamente arejar os conhecimentos de todos, pondo-os a par dos trabalhos de outros que se dedicam aos mesmos problemas, em qualquer parte que seja. (BCGP n.9, 1948, p.4-6)

Carlos Valentim (2007, p.33) ressalta que

a dinamização do Centro de Estudos da Guiné, a proliferação de edições de temática ultramarina, o incentivo ao trabalho prático, de investigação, junto das populações da Guiné, inscrevem-se, assim, num movimento cultural e científico vasto, englobando o intercâmbio e a troca de experiências com os espaços coloniais dominados por outras potências europeias na costa Ocidental de África.

E essa participação constitui, nos dias atuais, o elo entre culturas pouco conhecidas, com muito por ser revelado, e também induz à reflexão sobre a história que foi posta e ao consequente debate. Embora seja impossível saber tudo, como aponta Beatriz Sarlo (1997, p.42), também é evidente que ao se “saber menos, se aceita a possibilidade de esquecer”. Assim, tomando de empréstimo as reflexões de Edward Said (2003, p.30), urge “elucidar a disputa, desafiar e derrotar tanto o silêncio imposto quanto o silêncio conformado do poder invisível” que ainda pairam sobre a África e os africanos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- APPIAH, K. A. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- AMADO, Leopoldo. A literatura colonial guineense. **Icalp**, v.20-21, jul.-out.1990, p.1-18. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/litcolonialguine.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2009.
- ARENDT, Hanna. **As origens do Totalitarismo, Imperialismo e Expansão do Poder**, uma análise dialética. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976.



AUGEL, Moema P. **O desafio do escombros**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BARRY, Boubacar. Senegâmbia: o desafio da história regional. **Sephis**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. Disponível em <<http://www.sephis.org/pdf/barryportuguese.pdf>>. Acesso em 06 mai.2008.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de História**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARDOSO, Carlos. **A formação da elite política na Guiné-Bissau**. Lisboa: ISCTE, Centro de Estudos Africanos, 2002. Disponível em: http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/2434/1/CEA_OP5_Cardoso_Elite.pdf. Acesso em: 13 fev. 2010.

_____. A ideologia e a prática da colonização portuguesa na Guiné e o seu impacto na estrutura social, 1926-1973. **Soronda Revista de Estudos Guineenses. Bissau**, n. 14, 1992. Disponível em:

<http://www.inepbissau.org/Publica%C3%A7%C3%B5es/RevistaSoronda/tabid/61/Default.aspx>. Acesso em: 02 nov. 2008.

CARVALHO, Clara. O saber e o olhar colonial: política e iconografia no Centro de Estudos da Guiné Portuguesa. **Soronda Revista de Estudos Guineenses. Bissau**, n.8 - Nova Série, 2004. Disponível em <<http://www.inepbissau.org/publica%0c3%a7%0c3%B5es/revistasoronda/tabid/61/default.aspx>>. Acesso em 21 ago.2008.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre el colonialismo**. Madri: Akal Ediciones, 2006.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

FLORETINO, M. **Tráfico, Cativo e Liberdade: Rio de Janeiro séc. XVII - XIX**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.

FRAGOSO, João. Mercados e Negociantes Imperiais: um ensaio sobre a economia do Império Português (séculos XVII e XIX). **História: Questões & Debates**. Curitiba, n.36, 2002, p.99-127. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewFile/2690/2227>. Acesso em: 23 jan. 2009.

FRANCO, Paulo Fernando Campbell. **Amílcar Cabral: a palavra falada e a palavra vivida**. 2009. 178f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10122009-104800/>. php. Acesso em: 28 out.2010.

GOMES, Aldónio; CAVACAS, Fernanda. A literatura do saber tradicional: a oratura. In: **A Literatura na Guiné-Bissau**. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997. Disponível em: [http://lusofonia.com.sapo.pt/oratura.htm#oratura na Guiné](http://lusofonia.com.sapo.pt/oratura.htm#oratura%20na%20Guin%C3%A9). Acesso em: 11 jan. 2010.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Casa das Áfricas: Palas Athena: 2003.

_____. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. (Coord.). **História Geral da África**. v.I. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982.

HERNANDEZ, Leila M.G L. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HEYWOOD, Linda M. **Diáspora negra no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.



- ILIFFE, John. **Os Africanos: história dum continente**. Lisboa: Terramar, 1999
- KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África Negra**, v.II. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982.
- M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: história e civilizações**. Tomo I. São Paulo, Casa das Áfricas, 2009
- MAGALHÃES, Justino P. Linhas de Investigação em História da Alfabetização em Portugal. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.2, mai/jun/jul/ago 1996, p 42-60.
- MARQUES, A. H. de O. **Breve história de Portugal**. 6 ed. Lisboa: Editorial Presença, 2006.
- MARTINEZ, Esmeralda Simões. Legislação portuguesa para o ultramar. **Revista África e Africanidades**. São Paulo, n.11, nov. 2010, sem paginação. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com/documentos/01112010_21.pdf. Acesso em: 30 mar.2011.
- MATOS, Patrícia Ferraz de. **As “côres” do império: representações raciais no Império Colonial Português**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.
- MELLO E SOUZA, Marina de. **África e Brasil africano**. São Paulo, Ática, 2007.
- MONIOT, Henri. A história dos povos sem história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- MOTA, Avelino Teixeira da. **Inquérito Etnográfico: organizado pelo governo da colônia no ano de 1946**. Lisboa: Soc. Industrial de Tipografia Ltda., 1947.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. De Indígena a Imigrante: o lugar da África e dos Africanos no universo imaginário português dos séculos XIX ao XXI. **Sankofa Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, São Paulo, n.3, jun.2009, p.32-51. Disponível em: <http://sites.google.com/site/revistasankofa/sankofa3/de-indigena-a-imigrante>. Acesso em: 15 fev. 2011.
- _____. A história da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p.421-461, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2003000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2009.
- PÉLISSIER, René. **História da Guiné: portugueses e africanos na Senegâmbia 1841 - 1936**. Lisboa: Estampa, 2001, v. I ; 1997, v.II
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- SAID, Edward. **O papel público de escritores e intelectuais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- _____. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias**. São Paulo, EDUSP, 1997
- SERRANO Carlos, WALDMAN, Maurício. **Memória D'África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SWEET, James. H. **Recrutar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. O bom povo português: usos e costumes d'aquém e d'além-mar. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, Abr. 2001 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132001000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Jul 2009.



_____. Ecos do Atlântico Sul: representações sobre o terceiro império português. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico 1400-1800**. São Paulo: Campus, 2003.

TRAJANO FILHO, Wilson. Pequenos mas honrados: um jeito português de ser na metrópole e nas colônias. **Série Antropologia**. Brasília, n. 339, 2003. Disponível em <http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie339empdf.pdf>. Acesso em 12 fev. 2009.

_____. *Jitu Ten*: a investigação científica na Guiné-Bissau. **Série Antropologia**, Brasília, n.245, 1998. Disponível em <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie245empdf.pdf>>. Acesso em 14 set.2008.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-Chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.